

Anais XVII Semana de Psicologia da UEM IX Seminário de Pesquisa
da Pós-Graduação em Psicologia da UEM
Saúde Mental: As Dimensões Políticas da Psicologia - 24 a 27 de
Outubro de 2016

Universidade Estadual de Maringá ISSN 2358-7369

**O MODELO FREUDIANO DA MELANCOLIA E SUAS POSSÍVEIS
CONTRIBUIÇÕES PARA A COMPREENSÃO CONTEMPORÂNEA DA
DEPRESSÃO**

Bruna Maria de Souza, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá – PR, Brasil; Helio Honda, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá – PR, Brasil.

contato: brunaa_ms@hotmail.com

RESUMO

O presente trabalho pretende discorrer a respeito do que se entende por depressão atualmente e verificar se o modelo da melancolia proposto por Freud poderia contribuir, de alguma maneira, para uma melhor compreensão e manejo da depressão hoje, sobretudo no que diz respeito à atuação da Psicologia. Para tanto, serão apresentadas as variadas compreensões do fenômeno da depressão, assim como o que se entende atualmente por ela. Em seguida, se pretende apresentar possíveis aproximações nos sentidos da depressão e da melancolia e, posto isso, as prováveis contribuições da psicanálise, em especial as de Freud, através de seu modelo da melancolia para se compreender melhor a depressão contemporânea. Considerando possível tal proposta, serão pensados possíveis fatores que podem contribuir para que o indivíduo contemporâneo se aproxime do que Freud compreendia como um sujeito melancólico. Ademais, quais seriam as possibilidades de posicionamentos e práticas que caberiam ao profissional da Psicologia a fim de contribuir para se pensar e lidar de maneira diferente com o sofrimento ofertado pela depressão nos dias de hoje.

PALAVRAS-CHAVE: Depressão. Melancolia. Psicologia. Psicanálise.

INTRODUÇÃO

Ao se pensar em tratar de questões referentes à Saúde Mental e suas dimensões políticas da Psicologia, a depressão se apresenta como possibilidade de discussão, considerando o cenário contemporâneo de sofrimento psíquico, assim como os diversos campos de atuação atravessados por políticas públicas que têm convocado o profissional da Psicologia para se posicionar diante da questão.

Desse modo, ao se pretender falar de depressão, é necessário tentar, ao menos, definir o que se pode entender por depressão atualmente. Sendo assim, mediante a consulta de materiais como o *Dicionário Aurélio* (disponível online), nota-se que a palavra depressão pode apresentar diferentes acepções, sendo algumas destas: enfraquecimento, abatimento, físico ou moral; depressão mental, apresentada como uma perturbação caracterizada pela ansiedade e pela melancolia; e, depressão nervosa: estado patológico de sofrimento psíquico assinalado por um abaixamento do sentimento de valor pessoal, por pessimismo e por uma inapetência face à vida. Nota-se que em algumas definições dadas pelo dicionário, a própria palavra depressão é utilizada na

XVII Semana de Psicologia da UEM
IX Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da
UEM Saúde Mental: As Dimensões Políticas da Psicologia
24 a 27 de Outubro de 2016

elucidação de seu significado, indicando certa circularidade no movimento de significar a depressão, o que pouco nos auxilia.

Além disso, segundo o Site de Etimologia “Origem da Palavra” (disponível online), quanto ao significado da origem da palavra “depressão”, esta vem do latim *depressio*, de *deprimere*, “apertar firmemente para baixo”, de *de-*, “para fora”, mais *premere*, “apertar”.

Desse modo, diante das possíveis origens da palavra e algumas possibilidades de entendimento desta, é possível verificar sentidos que atravessam o imaginário relacionado a depressão, como a noção de apertar para baixo, rebaixamento, inapetência e abatimento.

Um manual técnico contemporâneo referente à saúde mental, sobretudo ao saber psiquiátrico, é o *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais V (DSM-V)*, de 2013. Considerado um material norteador para se compreender muito do sofrimento psíquico atual, o DSM apresenta, como o que mais se aproxima da depressão, o Transtorno Depressivo Maior (TDM).

Assim como outras categorias, a dos transtornos depressivos passou por alterações ao longo das edições do DSM. Nesse sentido, o capítulo referente aos Transtornos Depressivos ganhou novos diagnósticos na quinta edição do manual. Como consequência disto, novos questionamentos passaram a ser feitos quanto à patologização de processos considerados normais e uma superestimativa da incidência de casos de depressão (ARAÚJO & NETO, 2014, p.73).

Desse modo, conforme afirmam Araújo & Neto (2014),

Um dos pontos de maior polêmica, no que diz respeito à depressão, foi a retirada do luto como critério de exclusão do Transtorno Depressivo Maior. No DSM-5 é possível aplicar esse diagnóstico mesmo àqueles que passaram pela perda de um ente querido há menos de dois anos. Apesar da preocupação com a possível abordagem médica de estados não patológicos, é importante atentar para a gravidade que estes quadros podem alcançar. O luto é um forte fator estressor e, como tal, pode desencadear transtornos mentais graves, portanto não se pode assumir que, por tratar-se de reação comum, não possa ser experimentado de forma patológica. Desta forma, o objetivo desta mudança é permitir que indivíduos que estejam passando por um sofrimento psíquico grave recebam atenção adequada, incluindo a farmacoterapia quando esta se fizer necessária (p.74).

Considerando essa recente alteração no DSM a respeito do luto como fator para a depressão, seria possível compreendê-la como uma tentativa de prevenção ao TDM – podendo, portanto, ser considerado equivalente ao que se entende por depressão. Isto, pois, retirando o luto como fator de exclusão, todo e qualquer indivíduo, enlutado ou não, pode vir a ser classificado como deprimido e encaminhado para o tratamento. Desse modo, talvez se diminuísse casos de depressões mais severas, já estabelecidas a longo prazo. Já no que se refere à etiologia do transtorno, o DSM demonstra não ser possível definir e classificar fatores que assegurem a manifestação do quadro clínico, no entanto, apresenta o fator genético, assim como eventos estressantes da história de vida e o temperamento como dados significativos. Interessante notar aqui o reconhecimento

XVII Semana de Psicologia da UEM
IX Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da
UEM Saúde Mental: As Dimensões Políticas da Psicologia
24 a 27 de Outubro de 2016

pela abordagem psiquiátrica da falta de uma etiologia claramente definida em termos neurofisiológicos para o TDM. Devido a essa falta de clareza em relação aos possíveis fatores etiológicos, o tratamento considerado necessário não é apenas o de ordem medicamentosa, mas também acompanhamento psicoterapêutico. Por outro lado, no que se refere à medicação, segundo Duailibi E Silva (2014, disponível online),

Após iniciar um tratamento medicamentoso em dose terapêutica, com boa adesão do paciente pode ser necessário um período de 2 a 12 semanas para uma resposta clínica evidente, porém dentro de 6 a 8 semanas com resposta insatisfatória (melhora de menos 20% dos sintomas iniciais) uma troca de medicação deve ser considerada. Sempre é preciso lembrar que, no mais famoso estudo naturalístico realizado em pacientes com TDM, 50% a 60% dos pacientes não se recuperam após a primeira tentativa de tratamento.

Em vista das limitações do entendimento da psiquiatria a respeito da depressão, a psicanálise, sobretudo a explicação metapsicológica da melancolia, talvez possa se mostrar como alternativa válida para compreender não apenas possíveis fatores etiológicos, mas igualmente auxiliar-nos a repensar o tratamento da depressão.

Considerando que a proposta do presente trabalho é pensar uma possível contribuição da visão psicanalítica da melancolia para a compreensão da depressão, é necessário verificar se é possível alguma equivalência entre as caracterizações dos sintomas tidos como do quadro da depressão e os da melancolia. Nesse sentido, como apresentamos acima algumas possibilidades de significado à depressão, resta verificar quais sentidos poderiam ser atribuídos à melancolia. Segundo o *Dicionário Michaeli* (disponível online), o verbete melancolia pode ser definido como “sentimento ligeiro de tristeza sentido por alguém, pela lembrança de eventos ou experiências vividas no passado; saudades ou tristeza por algo ou alguém que já não possuímos mais”.

Desse modo, se retomarmos uma das definições antes apresentada para depressão, segundo a qual a depressão mental pode ser vista como uma perturbação caracterizada pela ansiedade e pela melancolia (Dicionário Aurélio, disponível online) é possível verificar que, inclusive, a palavra melancolia é utilizada a fim de se definir a depressão. Além disso, ao menos nesse plano de significados mais superficial, ambos os termos são atravessados por palavras próximas como abatimento, enfraquecimento ou desânimo. A partir da possibilidade dessa aproximação do ponto de vista fenomenológico, parece igualmente justificada a tentativa de explorar as possíveis contribuições do modelo de melancolia concebido por Freud para a compreensão do que se denomina depressão na contemporaneidade.

Considerando, portanto, o que pode se entender por depressão e melancolia, os diferentes significados atribuídos a ambos os termos, assim como o lugar dado para a depressão pelo DSM pretende-se refletir a respeito de como pensar em contribuições do modelo da melancolia de Freud a respeito do manejo da depressão de hoje. Como possíveis implicações dessa discussão pretende-se ainda pensar que possíveis fatores a sociedade contemporânea têm ofertado ao sujeito, contribuindo para o aumento do sofrimento de tipo depressivo. Posto isso, seria possível se pensar novos posicionamentos e práticas dos profissionais da psicologia frente ao sofrimento psíquico, considerando a melancolia freudiana, para se pensar a depressão de hoje?

XVII Semana de Psicologia da UEM
IX Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da
UEM Saúde Mental: As Dimensões Políticas da Psicologia
24 a 27 de Outubro de 2016

Tendo em vista os objetivos apresentados, pretende-se realizar uma revisão bibliográfica de autores que discorram a respeito de qual lugar o sofrimento psíquico ocupa na sociedade contemporânea, assim como de que maneira o pensamento de autores atuais da psicanálise pode contribuir no entendimento da depressão hoje.

Posteriormente, será feita revisão da literatura freudiana visando identificar possíveis aproximações do modelo da melancolia com o entendimento atual da depressão. Posto isso, serão levantados questionamentos a respeito de como a noção de melancolia de Freud pode esclarecer impasses colocados pelo diagnóstico da depressão. Além de possíveis estratégias para lidar de maneiras diferentes com a experiência da perda à qual são implicados os sujeitos considerados deprimidos atualmente.

**DEPRESSÃO E MELANCOLIA DO PONTO DE VISTA DA PSICANÁLISE:
ALGUMAS CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES**

Assim, antes de apresentar o que Freud pode ter a contribuir, torna-se pertinente apresentar sucinta e brevemente as possibilidades de entendimento a respeito da depressão no campo do saber psicanalítico. Nesse sentido, Zimmerman (1999) propõe, primeiramente, distinguir alguns conceitos que atravessam algumas explicações psicanalíticas. Tais conceitos mais comuns, segundo o autor, são melancolia, luto e tristeza, dentre outros.

Assim, a tristeza indica um estado de humor afetivo que pode estar presente ou não nos estados depressivos. Luto corresponde a um período necessário para a elaboração da perda de um objeto amado que foi introjetado no ego, sem maiores conflitos. Melancolia designa que a introjeção do objeto perdido processou-se de forma muito ambivalente e conflitada [...] (p.218).

Na distinção acima, Zimmerman pretende apenas, didaticamente, tentar diferenciar o que designaria cada termo no contexto da depressão. No entanto, quanto a luto e melancolia, tais conceitos serão melhor abordados quando for feita a discussão a respeito das possíveis contribuições da metapsicologia freudiana.

Quanto à depressão, para Delouya (2014), “a depressão implica aqui um caráter econômico que suprime e comprime – ou talvez que subtrai e suga – algo do sentido do viver, do representável” (p.24). Portanto, a depressão seria atravessada por algo que rouba um sentido antes tido, algo de um esvaziamento.

Ademais, numa perspectiva kleiniana, Delouya afirma que a experiência do afeto depressivo é necessário para a constituição enquanto sujeito e afirma que

A depressão eclode, segundo essa concepção, com a consciência de ser separado da mãe ou com a perda progressiva dela, na esteira do nascimento do sujeito – do eu -, e o conseqüente reinvestimento de si. [...] O sentimento de ter perdido o objeto ou aspectos dele, e a resignação diante desta perda, à medida que a criança não é capaz de restaurar o objeto dentro de si, marca o nascimento do afeto depressivo, assim como o da instalação da sensibilidade depressiva (p.47).

XVII Semana de Psicologia da UEM
IX Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da
UEM Saúde Mental: As Dimensões Políticas da Psicologia
24 a 27 de Outubro de 2016

Sendo assim, o afeto depressivo, para o autor, representa um papel fundamental para a constituição do próprio sujeito, uma vez que abdicar da sensação de onipotência e fusão, assim como experimentar perdas, passa a contribuir para que o psiquismo comece a se constituir.

Como características do sujeito em depressão, portanto, Delouya reconhece que

A convicção de ter sido deposto de um lugar de gozo e deserdado dos bens do mundo constitui o traço mais notável da vivência depressiva. [...] Para o deprimido, os bens do objeto, do gozo e do viver só existem alhures, lá fora, fora de seu território e de seu alcance; ele os enxerga, além de ser extremamente sensível às variações sensoriais de suas intensidades e à transmissão de suas mais refinadas tonalidades (p. 56)

Já para Kehl (2009), o depressivo tenta, a todo custo, fugir da experiência da perda que lhe remeteria ao vazio, ao sem sentido. Como consequência, o indivíduo se vê tendo que bancar um preço alto para sustentar tal escolha. Nesse sentido, Kehl (2009) alega que

O gozo dessa posição protegida custa ao sujeito o preço da impotência, do abatimento e da inapetência para os desafios que a vida virá lhe apresentar. [...] Ao apresentar-se como alheio aos enfrentamentos com o falo, o depressivo não desenvolve recursos para se proteger da ameaça de ser tomado como objeto passivo da satisfação de uma mãe que se compraz com o exercício de sua potência diante da criança fragilizada (p. 16).

Desse modo, tendo sido apresentado o entendimento de alguns autores da psicanálise, surge a questão: Freud teria produzido algo que possa contribuir para se pensar a depressão de hoje? Ao longo de sua obra, Freud nunca trabalhou em um conceito específico de depressão. Ao discorrer de seus casos, a palavra depressão, quando mencionada, demonstrava se referir ao um mero desânimo ou força de vontade.

Segundo Teixeira (2012)

O termo depressão na obra freudiana, é reservado geralmente para descrever um afeto ou sintoma que pode se encontrar em qualquer tipo de psicopatologia, inclusive na melancolia. Estes afetos ou sintomas se caracterizam por uma natureza penosa e aflitiva e se expressam como tristeza, desgosto, preocupação e inibição (p. 2825).

Como legado da metapsicologia freudiana, portanto, se tem os conceitos de luto e melancolia, através dos quais, Freud buscou construir uma fundamentação metapsicológica para o aparelho psíquico. Assim, considerando o caráter um tanto quanto indefinido da caracterização feita pelo DSM, que inclui o luto como fator etiológico, talvez seja possível considerar vinda de Freud uma tentativa mais elaborada do que o DSM na explicação da melancolia/depressão, já que ele exclui o luto normal do quadro.

Desse modo, retomando a contribuição metapsicológica, mediante o conceito de melancolia, que nos interessa para se discutir a depressão, Freud lançou mão de seus

XVII Semana de Psicologia da UEM
IX Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da
UEM Saúde Mental: As Dimensões Políticas da Psicologia
24 a 27 de Outubro de 2016

conceitos já então postos na sua teoria para se entender o processo do sujeito acometido pela melancolia.

Assim, pela metapsicologia, Freud apresenta o processo da melancolia dos pontos de vista dinâmico, topográfico e econômico, constantemente o comparando com o processo do luto. Assim, a fim de distingui-los, Teixeira (2012) afirma que luto poderia ser compreendido, conforme Freud apresenta em seus escritos, como um “paradigma para as reações normais diante de frustrações, decepções, perdas, etc que exige desinvestimento da libido e resulta em tristeza e dor psíquica” (p.286). Já quanto à melancolia, esta poderia ser um “paradigma para se entender os estados depressivos, cujo trabalho psíquico patológico, diante de perdas, coloca em relevo as dificuldades ligadas ao narcisismo do sujeito” (p.287).

Desse modo, um provável diferencial trazido por Freud em seu modelo de melancolia, seria a demonstração de que, assim como o luto, a melancolia representa um processo para lidar com uma perda – seja da ordem que for -. No entanto, diferente do luto, no qual se reconhece a experiência da perda e ocorre um movimento para tentar dar conta desse sofrimento, na melancolia, tal perda é renunciada. Assim, se dispõe a energia, que poderia ser para o estabelecimento de novas relações para se elaborar a perda, para se identificar com o objeto perdido e introjetá-lo. Como consequência, a sensação de perda do objeto é adiada, mas o indivíduo se perde por se colocar como objeto.

Para a compreensão da depressão, pretende-se, neste trabalho, pensar que possíveis fatores a sociedade contemporânea têm ofertado ao sujeito para lhe furtar a experiência da perda, recorrendo a um tipo de movimento melancólico. Posto isso, seria possível se pensar novos posicionamentos e práticas dos profissionais da psicologia frente ao sofrimento psíquico, considerando a melancolia freudiana, para se pensar a depressão de hoje?

O MAL ESTAR NA CONTEMPORANEIDADE

Ao se pensar as diferentes possibilidades de mal estar que podem acometer o sujeito contemporâneo, Ceccarelli (2010) afirma que

“As novas organizações pulsionais geradas pelas mudanças sociais nos obrigam a fazer o luto de representações que até então eram tidas como naturais e imutáveis; representações que nos serviam de referências para nos locomovermos no simbólico. Admitir o caráter imaginário de toda leitura de mundo provoca o retorno dos eternos questionamentos: quem somos, de onde viemos, para onde vamos, o que nos constitui como sujeitos, o que vai acontecer diante de tantas mudanças” (p.127)

Sendo assim, a cada momento sócio-histórico, a subjetividade se reorganiza a fim de tentar dar conta de diferentes demandas da época, sendo uma subjetividade própria e específica para o momento. Portanto, considerando que a subjetividade passa a se articular conforme o momento da sociedade, pode-se afirmar também que, cada momento da sociedade também contribui para a formação e/ou manifestação de sintomas próprios do momento. Quanto a isso, também complementa Ceccarelli (2010):

XVII Semana de Psicologia da UEM
IX Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da
UEM Saúde Mental: As Dimensões Políticas da Psicologia
24 a 27 de Outubro de 2016

Cada momento socio-histórico produz a subjetividade que lhe é própria. Subjetividade essa que é tributária dos modelos identificatórios culturalmente valorizados e das sublimações significantes do momento em questão. Isso significa que a sociedade forma tanto a psique quanto seus inúmeros derivados, dentre os quais os sintomas. Nessa perspectiva, da mesma forma que a constituição do Eu não pode ser separada da sociedade na qual ele emerge, o padecimento psíquico traz as marcas da sociedade e do momento socio-histórico que o produz. (p.129)

Sendo assim, o modo como a cultura entende e lida com o sofrimento influencia a maneira pela qual cada indivíduo vai viver a experiência de um sofrimento, sobretudo uma perda, que envolve o objeto de discussão neste trabalho. É necessário compreender o lugar que o sofrimento ocupa em uma cultura para ser possível se apropriar dos mecanismos que atravessam a experiência da perda e todo sofrimento envolvido nesse processo.

A configuração da sociedade atual pode servir como indicativo de como os indivíduos têm tentado se organizar a fim de dar conta do mal estar próprio da época. Para Kehl (2003), o cenário contemporâneo determina uma posição de consumo sem sentido – próprio do que se deseja, específico daquele indivíduo - no qual este se vê condenado a consumir, mesmo quando acredita não estar consumindo.

Assim, a alienação do trabalhador completa-se na sua transformação em consumidor. Ainda quando não consome as (outras) mercadorias propagandeadas pelos meios de comunicação, consome as imagens que a indústria produz para seu lazer. Consome, aqui, não quer dizer apenas que o trabalhador contempla essas imagens, mas que se identifica com as imagens, espelho espetacular da sua vida empobrecida (p.1).

O indivíduo se vê, portanto, privado da experiência de decidir por si o que consumir, sobretudo desejar. Tal privação acaba por direcionar o indivíduo a um estado de desamparo subjetivo, facilitando ainda mais sua adesão a uma sociedade na qual tornar a qualquer vivência um espetáculo passa a ser a referência de felicidade e satisfação. O mal estar de hoje, a paralisação ou euforia diante do sofrimento psíquico podem ser indicativos das fragilidades de uma subjetividade tomada pela lógica capitalista e imagética.

Quanto ao preço pago por se estar inserido na cultura contemporânea, Kehl (2003) acrescenta que

A operação consiste em apelar para a dimensão do desejo, que é singular, e responder a ela com o fetiche da mercadoria. A confusão que se promove, entre objeto de consumo e objeto de desejo, desarticula a relação dos sujeitos com a dimensão simbólica do desejo, e lança a todos no registro da satisfação de necessidades, que é real. O que se perde é a singularização das produções subjetivas, como tentativas de simbolização (p.3).

XVII Semana de Psicologia da UEM
IX Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da
UEM Saúde Mental: As Dimensões Políticas da Psicologia
24 a 27 de Outubro de 2016

É evidente, portanto, os motivos de se tratar de uma época de angústia específica, uma vez que o indivíduo se vê desamparado por não poder lidar com o que é seu, com o que o torna sujeito. A subjetividade, antes individual, passa a ser hegemonicamente coletiva. É justamente deste desamparo que se alimenta a lógica do espetáculo, sendo que o próprio inconsciente passa a ser mercantilizado, segundo Kehl, considerando que até mesmo o desejo do sujeito passa a ser atravessado pelas demandas econômicas e sociais vigentes.

Para Kehl (2003), o indivíduo de hoje apresenta as seguintes características:

[...] os sujeitos já não se apóiam sobre suas faculdades de julgamento (pensamento), resolução (agir conforme o desejo) e senso moral (suportar a castração). Tampouco sustentam-se sobre os laços que as liga a uma comunidade com base em experiências compartilhadas. Se toda experiência é mediada pelo espetáculo, cuja produção está fora do alcance da experiência mesmo, e se o espetáculo “desacostuma as pessoas à subjetividade”, elas estão à mercê dele (p.3).

Diante de tal configuração dos laços sociais e do lugar que o sujeito contemporâneo se vê autorizado a ocupar, se apresenta algum tipo de mal estar por conta da dificuldade em administrar o que se espera do sujeito e o que este deseja, por sua vez. Sendo assim, se mostra pertinente, nesse momento, possíveis contribuições do modelo de melancolia freudiano para poder se pensar algumas consequências de uma sociedade que dificulta ao sujeito este lidar com a experiência da perda para elaborar um luto, e sim, muitas vezes, recorrendo a algo que se aproxime de uma melancolia, discutida mais aprofundadamente a seguir.

O MODELO DE MELANCOLIA SEGUNDO FREUD

Foi em sua obra *Luto e Melancolia* (2010) que Freud se aproxima de uma possível explicação da experiência de perda de sentido, falta de vontade, ausência de desejo de se implicar em relações antes existentes. A fim de distinguir a experiência do luto da melancolia, Freud (2010) esclarece que “via de regra, luto é a reação à perda de uma pessoa amada ou de uma abstração que ocupa seu lugar, como pátria, liberdade, um ideal etc” (p.172).

Já quanto ao processo da melancolia, Freud (2010) o descreve da seguinte maneira:

A melancolia se caracteriza, em termos psíquicos, por um abatimento doloroso, uma cessação do interesse pelo mundo exterior, perda da capacidade de amar, inibição de toda atividade e diminuição da autoestima, que se expressa em recriminações e ofensas à própria pessoa e pode chegar a uma delirante expectativa de punição (p.173)

Assim, Freud demonstra compreender o processo da melancolia como algo que se desviou na tentativa de elaboração do luto. Diferente do luto, no qual o indivíduo recorre a diversas alternativas e relações para lidar com a perda, na melancolia o indivíduo demonstra ter dificuldade em aceitar a perda e afim de negar tal experiência passa a se colocar como o próprio objeto perdido. Com o propósito de elucidar a diferenciação dos dois processos, Freud (2010) afirma

XVII Semana de Psicologia da UEM
IX Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da
UEM Saúde Mental: As Dimensões Políticas da Psicologia
24 a 27 de Outubro de 2016

Havia uma escolha de objeto, uma ligação da libido a certa pessoa, por influência de uma real ofensa ou decepção vinda da pessoa amada, ocorreu um abalo nessa relação de objeto. O resultado não foi normal – a libido ser retirada desse objeto e deslocada para um novo -, e sim outro, que parece requerer várias condições para se produzir. O investimento objetual demonstrou ser pouco resistente, foi cancelado, mas a libido livre não foi deslocada para outro objeto, e sim recuada para o Eu. Serviu para estabelecer uma identificação do Eu com o objeto abandonado. Assim, a sombra do objeto caiu sobre o Eu, e a partir de então este pôde ser julgado por uma instância especial como um objeto, o objeto abandonado. Desse modo a perda do objeto se transformou numa perda do Eu, e o conflito entre o Eu e a pessoa amada, numa cisão entre a crítica do Eu e o Eu modificado pela identificação (p.181).

Sendo assim, a melancolia, assim como o luto, consiste em uma reação à perda real de um objeto amoroso. No entanto, a melancolia pode ser entendida como um desvio nesse percurso de se elaborar a perda, uma vez que o sujeito demonstra ter muita dificuldade em lidar com tal experiência, acabando por se identificar com o objeto perdido o introjetando e se isentando, portanto, de lidar com a sua perda.

Esclarecidas as diferenças entre o processo de luto e melancolia, teria esta algum tipo de aproximação do que se entende hoje por depressão? Os sofrimentos relatados seriam próximos?

Caso se considere a melancolia como uma explicação metapsicológica de Freud possível para a depressão, seria possível pensar algumas razões para hoje se desviar do processo de luto e seguir para um processo melancólico? Teriam fatores na sociedade contemporânea que poderiam contribuir para tal desvio, como se refere Freud?

MELANCOLIA E DEPRESSÃO: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O MAL-ESTAR NA CONTEMPORANEIDADE

Para se pensar, portanto, em tempos atuais e o sofrimento inerente a ele, vale lançar mão de algumas idéias de Debord (1997) a respeito do que o autor acredita ser uma “sociedade do espetáculo”. Segundo o autor, “[...] à presente ideologia da democracia: isto é, a liberdade ditatorial do Mercado, temperada pelo reconhecimento dos direitos do homem espectador” (p.11).

Ademais, segundo o mesmo autor, o homem contemporâneo pode ser entendido como ocupante de um lugar de espectador por estar à mercê da demanda de uma sociedade de espetáculos. Tais espetáculos demonstram ter a oferecer ao indivíduo contemporâneo uma existência meramente visual, de pura imagem e representação, convocando o sujeito a ocupar um lugar apenas de reproduzidor de valores, ou seja, de mero objeto. Como consequência desse movimento - ou falta de um -, Debord (1997) afirma: “O mentiroso mentiu para si mesmo. O espetáculo em geral, como inversão concreta da vida, é o movimento autônomo do não vivo” (p.13).

A fim de manter uma posição do não vivo, a sociedade fundamentada na lógica do espetáculo se ampara em elementos como o caráter indiscutível e inacessível de suas

XVII Semana de Psicologia da UEM
IX Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da
UEM Saúde Mental: As Dimensões Políticas da Psicologia
24 a 27 de Outubro de 2016

práticas, a aceitação passiva e o monopólio da aparência. Estando de acordo com tais valores, não cabe ao indivíduo a opção de se colocar como sujeito nas suas relações, sujeito no sentido de se ver com condições para identificar o que deseja e o que desejam que deseje.

Resgatando, portanto, o que Kehl (2003) afirma a respeito da renúncia feita para se estar nessa sociedade espetacular, a subjetividade passa a ser algo da ordem do coletivo. Ter a possibilidade de reconhecer seu próprio desejo se torna algo remoto. Sendo assim, quais recursos são possíveis fazer uso diante da experiência de uma perda?

Se não tomada como algo do espetáculo também, a experiência da perda dificilmente terá alternativas para ser elaborada, encontrando possivelmente a identificação com o objeto perdido como alternativa menos dolorida. Em O mal-estar na civilização, a respeito das possibilidades de se lidar com o sofrimento humano, Freud (2010) afirma

O deliberado isolamento, o afastamento dos demais é a salvaguarda mais disponível contra o sofrimento que pode resultar das relações humanas. Compreende-se: a felicidade que se pode alcançar por essa via é a da quietude. Contra o temido mundo externo o indivíduo só pode se defender por algum tipo de distanciamento, querendo realizar sozinho essa tarefa (p.32)

Considerando, portanto, que o isolamento pode ser uma possível alternativa para se lidar com as relações que produzem sofrimento, contextualizando em uma sociedade na qual o que gera espetáculo é a sustentação de um ideal de felicidade e prazer constante, a ser bancado a todo custo, o que resta ao sujeito contemporâneo?

Ao se pensar as diferentes possibilidades de mal estar que podem acometer o sujeito contemporâneo, Ceccarelli (2010) afirma que

“As novas organizações pulsionais geradas pelas mudanças sociais nos obrigam a fazer o luto de representações que até então eram tidas como naturais e imutáveis; representações que nos serviam de referências para nos locomovermos no simbólico. Admitir o caráter imaginário de toda leitura de mundo provoca o retorno dos eternos questionamentos: quem somos, de onde viemos, para onde vamos, o que nos constitui como sujeitos, o que vai acontecer diante de tantas mudanças” (p.127)

Sendo assim, a cada momento sócio-histórico, a subjetividade se reorganiza a fim de tentar dar conta de diferentes demandas da época, sendo uma subjetividade própria e específica para o momento. Portanto, considerando que a subjetividade passa a se articular conforme o momento da sociedade, pode-se afirmar também que, cada momento da sociedade também contribui para a formação e/ou manifestação de sintomas próprios do momento. Quanto a isso, também complementa Ceccarelli (2010):

Cada momento socio-histórico produz a subjetividade que lhe é própria. Subjetividade essa que é tributária dos modelos identificatórios culturalmente valorizados e das sublimações significantes do momento em questão. Isso significa que a sociedade

XVII Semana de Psicologia da UEM
IX Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da
UEM Saúde Mental: As Dimensões Políticas da Psicologia
24 a 27 de Outubro de 2016

forma tanto a psique quanto seus inúmeros derivados, dentre os quais os sintomas. Nessa perspectiva, da mesma forma que a constituição do Eu não pode ser separada da sociedade na qual ele emerge, o padecimento psíquico traz as marcas da sociedade e do momento socio-histórico que o produz. (p.129)

Sendo assim, o modo como a cultura entende e lida com o sofrimento influencia a maneira pela qual cada indivíduo vai viver a experiência de um sofrimento, sobretudo uma perda, que envolve o objeto de discussão neste trabalho. É necessário compreender o lugar que o sofrimento ocupa em uma cultura para ser possível se apropriar dos mecanismos que atravessam a experiência da perda e todo sofrimento envolvido nesse processo.

A configuração da sociedade atual pode servir como indicativo de como os indivíduos têm tentado se organizar a fim de dar conta do mal estar próprio da época. Para Kehl (2003), o cenário contemporâneo determina uma posição de consumo sem sentido – próprio do que se deseja, específico daquele indivíduo - no qual este se vê condenado a consumir, mesmo quando acredita não estar consumindo.

Assim, a alienação do trabalhador completa-se na sua transformação em consumidor. Ainda quando não consome as (outras) mercadorias propagandeadas pelos meios de comunicação, consome as imagens que a indústria produz para seu lazer. Consome, aqui, não quer dizer apenas que o trabalhador contempla essas imagens, mas que se identifica com as imagens, espelho espetacular da sua vida empobrecida (p.1).

O indivíduo se vê, portanto, privado da experiência de decidir por si o que consumir, sobretudo desejar. Tal privação acaba por direcionar o indivíduo a um estado de desamparo subjetivo, facilitando ainda mais sua adesão a uma sociedade na qual tornar a qualquer vivência um espetáculo passa a ser a referência de felicidade e satisfação. O mal estar de hoje, a paralisação ou euforia diante do sofrimento psíquico podem ser indicativos das fragilidades de uma subjetividade tomada pela lógica capitalista e imagética.

Quanto ao preço pago por se estar inserido na cultura contemporânea, Kehl (2003) acrescenta que

A operação consiste em apelar para a dimensão do desejo, que é singular, e responder a ela com o fetiche da mercadoria. A confusão que se promove, entre objeto de consumo e objeto de desejo, desarticula a relação dos sujeitos com a dimensão simbólica do desejo, e lança a todos no registro da satisfação de necessidades, que é real. O que se perde é a singularização das produções subjetivas, como tentativas de simbolização (p.3).

É evidente, portanto, os motivos de se tratar de uma época de angústia específica, uma vez que o indivíduo se vê desamparado por não poder lidar com o que é seu, com o que o torna sujeito. A subjetividade, antes individual, passa a ser hegemonicamente coletiva. É justamente deste desamparo que se alimenta a lógica do espetáculo, sendo que o próprio inconsciente passa a ser mercantilizado, segundo Kehl,

XVII Semana de Psicologia da UEM
IX Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da
UEM Saúde Mental: As Dimensões Políticas da Psicologia
24 a 27 de Outubro de 2016

considerando que até mesmo o desejo do sujeito passa a ser atravessado pelas demandas econômicas e sociais vigentes.

Para Kehl (2003), o indivíduo de hoje apresenta as seguintes características:

[...] os sujeitos já não se apóiam sobre suas faculdades de julgamento (pensamento), resolução (agir conforme o desejo) e senso moral (suportar a castração). Tampouco sustentam-se sobre os laços que as liga a uma comunidade com base em experiências compartilhadas. Se toda experiência é mediada pelo espetáculo, cuja produção está fora do alcance da experiência mesmo, e se o espetáculo “desacostuma as pessoas à subjetividade”, elas estão à mercê dele (p.3).

Diante de tal configuração dos laços sociais e do lugar que o sujeito contemporâneo se vê autorizado a ocupar, se apresenta algum tipo de mal estar por conta da dificuldade em administrar o que se espera do sujeito e o que este deseja, por sua vez. Sendo assim, se mostra pertinente, nesse momento, possíveis contribuições do modelo de melancolia freudiano para poder se pensar algumas conseqüências de uma sociedade que dificulta ao sujeito este lidar com a experiência da perda para elaborar um luto, e sim, muitas vezes, recorrendo a algo que se aproxime de uma melancolia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensando, portanto, na questão da saúde mental e suas implicações políticas na atuação dos profissionais da Psicologia, é possível os psicólogos contemporâneos contribuírem, de alguma maneira, com o lidar da perda? Seria possível lançar mão de novas práticas e estratégias no campo das políticas públicas a fim de se desconstruir e reconstruir novos entendimentos a respeito da experiência da perda, como aceitá-la, como elaborá-la e como dar novos sentidos a novas relações?

A sociedade espetacular e narcisista também é responsável por muitos atravessamentos na formação do profissional da Psicologia. No entanto, isso pode dificultar, mas não impede de sempre se estar pensando novas possibilidades de lidar com o sofrimento, inclusive com o nosso, enquanto profissionais. Nosso posicionamento enquanto psicólogos pode servir como grande indicativo a respeito do que pode ser pensado quando se pensa no sofrimento psíquico, sobretudo o que se entende por depressão.

Falar do sofrimento como algo a ser experimentado, como algo necessário para o amadurecimento e possibilidade de estabelecimento de novos sentidos em novas relações na vida de cada indivíduo pode contribuir, de alguma maneira, na elaboração de perdas, para que, talvez recorrer ao processo de melancolia passe a ser menos necessário.

XVII Semana de Psicologia da UEM
IX Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da
UEM Saúde Mental: As Dimensões Políticas da Psicologia
24 a 27 de Outubro de 2016

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, A. C.; NETO, F. L. A nova classificação americana para os transtornos mentais – o DSM-5. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*. V.16, n.1, p.67-82, 2014.

CECCARELLI, P. R. A Patologização da Normalidade. *Estudos de Psicanálise: Aracaju*, n.33, p.125-136, julho, 2010.

DEBORD. G. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DELOUYA, D. *Depressão*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 6ª edição, 2014.

Dicionário do Aurélio Online – Dicionário Português. Disponível em: <<https://dicionariodoaurelio.com/depressao>>. Acesso em 06 de outubro de 2016.

DUALIBI, K.; SILVA, A. S. M. da. *Depressão: Critérios do DSM-5 e tratamento*. *Revista Brasileira de Clínica e Terapêutica*. V.40, n.1, agosto, 2014. Disponível em: <http://www.moreirajr.com.br/revistas.asp?fase=r003&id_materia=5879>. Acesso em 06 de outubro de 2016.

FERREIRA, S. A. T. A evolução do conceito de depressão no século XX: Uma análise da classificação da depressão nas diferentes edições do Manual Diagnóstico e Estatístico da Associação Americana de Psiquiatria (DSMs) e possíveis repercussões destas mudanças na visão de mundo moderna. **Revista Hospital Universitário Pedro Ernesto**, UERJ, ano 10, p.78-90, janeiro a março, 2011.

FREUD, S. *Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos (1914 – 1916)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, S. *O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930 – 1936)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

KEHL, M. R. *O espetáculo como meio de subjetivação*, 2003. Disponível em: <<http://www.mariaritakehl.psc.br/PDF/oespetaculocomomeiodesubjetivacao.pdf>>. Acesso em: 24 de abril de 2016.

KEHL, M. R. *O tempo e o cão: a atualidade das depressões*. São Paulo: Boitempo, 2009.

SITE de Etimologia – Origem da Palavra. Disponível em: <<http://origemdapalavra.com.br/site/?s=depress%C3%A3o>>. Acesso em 06 de outubro de 2016.

XVII Semana de Psicologia da UEM
IX Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da
UEM Saúde Mental: As Dimensões Políticas da Psicologia
24 a 27 de Outubro de 2016

TEIXEIRA, M. A. R. (2012). Das neuroses de transferência às neuroses narcísicas: contribuições aos fundamentos da teoria freudiana da melancolia. Tese de doutorado, Universidade Estadual Paulista, Assis, SP, Brasil.

ZIMERMAN, D. E. Fundamentos psicanalíticos: teoria, técnica e clínica – uma abordagem didática. Porto Alegre: Artmed, 1999.